

## NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA TERRA DE ZUMBI: O QUE A MÍDIA ALAGOANA TEM A DIZER SOBRE O MUNICÍPIO DE UNIÃO DOS PALMARES

*PACHECO, Lwdmila Constant<sup>1</sup>*  
*SILVA, Luana Tavares da<sup>2</sup>*

**Resumo:** Alagoas é considerado o Estado brasileiro mais violento segundo pesquisas divulgadas pela ONU. E dentre os municípios com maior índice de violência do Estado, União dos Palmares figura com destaque. O município foi sede do Quilombo dos Palmares, reconhecido como símbolo de resistência e liberdade. A derrocada do Quilombo no século XVII deu condições para o surgimento da cidade. No ano de 2012 o município recebeu o programa Juventude Viva – Programa do Governo Federal destinado às cidades que possuem alto índice de violência contra jovens. Tendo essa história de violência como referência, questiona-se qual o princípio dessa violência incrustada no conformismo da população e na denúncia da mídia impressa, que aponta União dos Palmares como lugar inóspito a se viver.

**Palavras-chave:** Violência; naturalização; União dos Palmares.

**Abstract:** Alagoas is considered the most violent Brazilian state according to research published by the United Nations, and among the municipalities with the highest state violence index, União dos Palmares figures prominently. The city hosted the Palmares, recognized as a symbol of strength and freedom. The collapse of Quilombo in the seventeenth century gave conditions for the emergence of the city. In 2012, the city received the Youth Alive program - Federal Government Programme for the cities that have a high rate of violence against young people. With this history of violence as a reference, which questioned the principle that violence embedded in the conformism of the population and in the print media complaint, pointing União dos Palmares as inhospitable place to live.

**Keywords:** Violence; naturalization; União dos Palmares.

---

<sup>1</sup> Professora assistente da Universidade de Pernambuco – UPE. Mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. Pós Graduada em História Social do Poder pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. [lwdmilaconstant@hotmail.com](mailto:lwdmilaconstant@hotmail.com).

<sup>2</sup> Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Alagoas, Campus Universitário Zumbi dos Palmares – UNEAL – CAMUZP. [silva.luanatavares@gmail.com](mailto:silva.luanatavares@gmail.com)

Pesquisa realizada com apoio da Fundação Palmares e Secretaria de Cultura de União dos Palmares, AL, entre os anos de 2012 e 2013.

## Introdução

O Brasil foi considerado, no ano de 2010, o 20º país mais homicida do mundo (GOMES, 2013), com uma taxa de 27,3 homicídios por 100 mil habitantes. Nessa mesma pesquisa, Alagoas foi definido como o estado mais violento do país, com uma taxa de 66,8 mortes violentas para cada 100 mil habitantes. E, além de violento, também está no topo do ranking no quesito impunidade: de todos os inquéritos de homicídio, Alagoas só consegue resolver uma margem de aproximadamente 16%.

No ano de 2012, Alagoas sustentou o posto de um dos estados mais violentos do país, e sua capital, Maceió, uma das três mais violentas do mundo, segundo relatório da UNO. Essa violência está expressa diariamente nos meios de comunicação. Em União dos Palmares, município da Zona da Mata alagoana, a população é também vitimada pelas diversas formas de violência, sejam elas estatísticas, midiático-sensacionalistas ou que se estabeleçam como ameaças e medos cotidianos – de assaltos, assassinatos, etc. A violência esteve e está presente nos mais variados formatos, é ela quem garante o poder em diversas esferas. Nos primeiros meses de 2012 a recorrência de assassinatos em um curto intervalo de tempo incomodou a ponto de viabilizar uma pesquisa para compreender os fatores não só que causam a violência, mas os que a tornam natural. A princípio foram analisadas matérias de jornais para identificar os discursos veiculados na mídia, e foram constatados que todas as notícias sobre os crimes relacionavam-se ao tráfico de drogas, dando um novo papel às vítimas, o de culpadas.

A culpabilização da violência sempre se reporta a uma esfera micro e cabe aos que monopolizam o poder da informação o papel de apontar onde ela se localiza. O Estado não cumpre com a sua função na garantia dos direitos universais dos cidadãos e a mídia mascara o cerne da violência. Os corpos agem de acordo com a sociedade em que estão inseridos, absorvem e reproduzem ideologias que vão se materializando em suas ações. O não-estranhamento da violência aparece assim como marca da banalização das cenas atroz e das barbáries com que são obrigados a conviver, seja através da mídia sensacionalista, seja através de eventos diários vivenciados. Para haver uma melhor compreensão desses fenômenos serão discutidos conceitos e termos utilizados para definir a situação de União

dos Palmares, assim como o vivenciar das pesquisadoras no município para se repensar o quanto de tais conceitos e termos são adequados à realidade.

## **O cotidiano da violência em União dos Palmares**

A violência é considerada um fenômeno social que permite esclarecer determinados aspectos do mundo porque detém as características do grupo social a que se refere, revelando seu significado no contexto das relações sociais (GULLO, 1998, p. 105). Segundo Roberto Damatta (1982, p. 26), a condição de normalidade da violência é sua repressão e nulidade. Tudo que afeta de forma indesejada a vida de uma determinada população e causa mudanças nas normas sociais estabelecidas que norteiem o convívio “pacífico” dos sujeitos pode ser considerado manifestação da violência. Portanto, cada sociedade ao desenvolver seus complexos sistemas sociais define também o que é aceitável e permitido, e pune os que violam essas regras.

Uma das formas utilizadas hoje em dia para divulgar as regras do que é aceito e não aceito numa sociedade são os meios de comunicação em massa. Estes representam o exercício unilateral de poder, principalmente por concentrarem valores, crenças e sentidos do que se é permitido, sendo esses pautados a partir das necessidades dos que estão no centro de controle e, para tanto, precisam garantir seu espaço sem ameaças. Não interessa nesse caso mostrar as faces da violência, visto que estereotipam as relações sociais e estigmatizam a violência como parte constituinte de determinados grupos sociais, como por exemplo, os grupos humanos que habitam os bairros periféricos. Segundo Vasconcelos (2009, p. 81), a imprensa participa do processo de construção de representações sociais que agem sobre a população, naturalizando valores e crenças que orientam e explicam as práticas que se configuram no cotidiano das cidades.

(...) os meios de comunicação não só pautam a agenda de discussão entre sujeitos sociais, mas também apresentam os fatos sob uma ótica marcada por interesses, ideologias e outros. As notícias não revelam os fatos em estado bruto, mas sim a partir de uma interpretação marcada por valores, interesses, crenças, sentidos e significados elaborados pelos profissionais da comunicação. (VASCONCELOS, 2009, p.82).

Considerar o que vêm a ser ações violentas, ou estados sociais de violência, requer compreender o contexto em que se inserem e as normas sociais estabelecidas. Durante anos o Estado de Alagoas acompanhou as taxas de homicídio do Brasil. Porém, na década de

1980, enquanto a média nacional de homicídios era de 11,7 por 100 mil habitantes, Alagoas possuía 14,3 por 100 mil habitantes. O crescimento da taxa de homicídio do estado continuou a crescer com o passar dos anos, com o detalhe de que tal crescimento se acentuou nas cidades do interior mais que na capital. No ano de 2006, Alagoas passou a liderar o ranking do estado mais violento do país, lugar este ocupado até 2010, ano da última pesquisa, quando a taxa de homicídio na capital cresceu para 109,9 por 100 mil habitantes (WAISELFISZ, 2011). E com o crescimento da violência em Alagoas e sua já constatada interiorização, União dos Palmares, cidade localizada a 73 quilômetros da capital, se torna uma das cidades mais violentas do estado.

O estigma de município violento não é algo novo em União dos Palmares. Contudo, a despeito das estatísticas atuais que demonstram o crescente índice de homicídios, a violência nessa parte da região alagoana remonta à época em que o estado ainda era parte da Capitania de Pernambuco. A atual cidade de União dos Palmares era, no século XVII, a sede oficial da Palmares quilombola. Para que o Quilombo dos Palmares, considerado o maior quilombo da América Latina, resistisse por quase cem anos até que chegasse o dia de sua derruída numa sangrenta e desleal batalha, se fez constante um clima de tensão, medo e guerrilhas diárias. Com a vitória da expedição dos bandeirantes, comandada por Domingos Jorge Velho em 06 de fevereiro de 1694, as terras que pertenciam ao Quilombo foram loteadas entre os principais líderes combatentes.

Após 137 anos do genocídio provocado pelo desmanche do Quilombo, ocorrido em Angola Janga – um dos nomes pelo qual era conhecida a sede Palmarina e que até hoje é reconhecida como símbolo de resistência – o pedaço de terra ocupado pelos bandeirantes que aqui se estabeleceram emancipa-se e passa a ter título de cidade. A cidadezinha interiorana cercada de tantos verdes de mata, pouco a pouco vai tomando forma e cor de verdes canaviais, e se institui a figura do senhor do engenho que, mesmo após séculos, continua tendo força e dominação sobre a população palmarina.

No fim do século XIX até meados do século XX, duas poderosas famílias detinham o poder no município: a família Sarmiento, que tinha ligação direta com o governo do estado, pois o Coronel Presciliano Sarmiento era o Vice-governador; e a família Rocha Cavalcanti, donos do Engenho Anhumas, com o Coronel Chico Rocha. No entanto, entre os poderosos havia uma convivência sem violência física e os crimes acontecidos na cidade e na região

ficavam impunes caso o agressor tivesse o apadrinhamento político de algumas dessas famílias, pois esses faziam as leis segundo seus princípios, decidindo o que era permitido ou não.

Como exemplo tem-se o caso acontecido no ano de 1979, quando Manoel Gomes de Barros (vulgo Mano), então prefeito da cidade de União dos Palmares, pediu que um detento fosse liberado do sistema prisional e esse ficaria sobre sua responsabilidade, assumindo um cargo na prefeitura. O próprio prefeito encaminha um ofício para o magistrado Raimundo Azevedo Lessa, juiz da 11ª Vara de Execuções Criminais.

O pedido foi atendido sem muita demora, e em março daquele ano o prefeito assinou um termo de responsabilidade e o reeducando foi liberado, ficando assim à disposição da prefeitura. Diversos outros favores sempre foram solicitados à justiça, aos donos de engenho, aos comerciantes, que são os famosos “apadrinhamentos” que, mais tarde, seriam convertidos em votos ou que seriam utilizados para amedrontar quem se interpusesse no caminho de alguns desses coronéis modernos.

Em meados de 1960, Manoel Gomes de Barros começa a ter destaque e ascende na vida política. Tornou-se prefeito de União dos Palmares na década de 1970 e Governador de Alagoas no final dos anos de 1990. Durante 40 anos esteve de forma direta e indireta com certo poder oligárquico, cabendo a ele a indicação de prefeito, que embora fosse eleito pelo voto popular, dependia de sua indicação para vencer as eleições, além de caber a ele a definição dos ocupantes dos cargos de confiança.

Em setembro de 2012, período ainda reservado à publicidade partidária, União dos Palmares foi manchete no jornal Gazeta de Alagoas por dois dias consecutivos. O primeiro trazia a seguinte manchete junto da foto do ex-governador Manoel Gomes de Barros – PSDB: “*Não morro de amores por esse povo*”. O escândalo que tomou proporções nacionais revelava as artimanhas tramadas pelo prefeito Areski Freitas (vulgo Kil) – PTB, o Mano e alguns empresários da cidade. O áudio contendo a conversa amigável entre os três coligados foi ao ar pela emissora de rádio Farol FM, pertencente ao deputado federal João Caldas (PEN), aliado do candidato adversário, Beto Baía, do PSD. Além de ter sido veiculada em carro de som por toda a cidade foi também disponibilizada na internet.

Um dia após a Rádio Farol FM divulgar o áudio de tal conversa polêmica que mostrava que o objetivo da vitória de Mano e do prefeito por ele indicado era arrecadar dinheiro para fins pessoais, a rádio sofreu um atentado à bomba de madrugada, que a destruiu parcialmente. Sobre esse evento, saiu uma reportagem também no jornal Gazeta de Alagoas: “Atentado destrói rádio em União dos Palmares”. Após esses episódios, o juiz solicitou apoio de tropas federais para assegurar a população, pois a tensão e o medo foram intensificados no período eleitoral.

A ação criminosa ocorreu um dia depois da divulgação da conversa gravada entre o prefeito Areski Freitas (PTB) e seu candidato na eleição para a prefeitura, Manoel Gomes de Barros (PSDB). No diálogo, Areski se refere à prefeitura como “galinha dos ovos de ouro”. Peritos fizeram o levantamento nas instalações da rádio e a Polícia Civil começa a investigar o caso. Diante do episódio, coligação pedirá ao juiz da comarca o envio de tropas federais. (GAZETA DE ALAGOAS, 14 de Set., 2012)

No mês seguinte, o resultado do laudo indicou que a ação foi criminosa e o caso não solucionado foi transferido para a delegacia distrital de União dos Palmares que não divulgou novidades ou solução do caso. Vale ressaltar que, apesar da insegurança gerada pelas ameaças explícitas e veladas à oposição de Manoel Gomes de Barros, candidato a prefeito de União dos Palmares em 2012, a população elegeu o seu opositor, Beto Baía, rompendo o ciclo de 40 anos de mandonismo.

A violência, pois, ganha várias formas no município. Percorre a história de sua fundação, a manutenção típica de um coronelismo patriarcal na política e nas posições de mando, nas situações de vulnerabilidade da população que, em boa parte já se encontrava em situação de pobreza e que foi intensificada após a cheia do rio Mundaú no ano de 2010. Assim, a violência está presente no cotidiano da população palmarina desde sempre a ponto desta demonstrar indiferença como sintoma de um processo de naturalização dessa situação. Nos primeiros meses de 2012, a recorrência de assassinatos deixou a cidade com uma atmosfera de caos e guerra, e o receio de sair às ruas se generalizou. O motivo de toda essa tensão estava ligado aos sete assassinatos ocorridos em sete dias consecutivos do mês de fevereiro, mês que teve registrado onze homicídios, cinco desses considerados homicídios qualificados.

## **A (in)corporação da violência em União dos Palmares**

A discussão sobre o que é legítimo academicamente perpassa sobre qual forma de experiência devemos expor numa pesquisa e/ou texto científico: a experiência objetiva dos fatos, ou a reflexiva, ou ambas. O que em geral não se discute é que qualquer investigação precisa partir antes de tudo dos fatos. A definição do que vem a ser fato se espalha entre a descrição dicionarizada – “Coisa ou ação feita. Aquilo que realmente existe, que é real” (FERREIRA, 2008, p. 398) – e a definição direcionada aos estudos acadêmicos – “(...) algo que se deve encontrar no curso de uma pesquisa, e que se apresenta sempre como um enriquecimento inesperado e uma novidade em relação aos fatos anteriores” (SARTRE, 2011, p. 14).

O fato seria um acontecimento isolado, acidental e que não pode ser provocado e sim esperado, compreendido externamente. Um fato é morto a medida que se suspende do contexto e, o que é pior, se ausenta de quem o produz. Já o fenômeno se caracteriza como o acontecimento unido ao seu significado. Significar é indicar outra coisa, “ter o sentido de, traduzir-se por” (FERREIRA, 2008, p. 739).

Entender a violência em Alagoas, mais precisamente em União dos Palmares, perpassa pelos dados fornecidos por órgãos de pesquisa e divulgados pela mídia e a compreensão cotidiana do que vem a ser violência para a população e o impacto da mídia sensacionalista na rotina dessas pessoas. Compreendendo que falar de violência não seria viável se não fosse descortinado seu sentido para quem sofre com ela ou apenas a vivência rotineiramente, parte-se nessa pesquisa para a tentativa de criar uma ponte entre o que foi dito na mídia sobre o que acontece no município de União dos Palmares e como essa desestoricização da violência engessa a sensibilidade dos palmarinos. Isto é, compreender a violência para além dos fatos, alcançando a noção de fenômeno.

Foram utilizados os jornais impressos para contrapor com as conversas cotidianas nas ruas palmarinas, onde as pessoas relataram sobre os aspectos rotineiros do município. Nota-se então que a violência é atualmente um desses aspectos rotineiros, sendo mencionada de forma natural. A população demonstra inquietude a partir do momento em que uma ação violenta foge do que é considerado “normal”, do que é permitido. Como exemplo, tem-se os assassinatos de crianças que, ao serem noticiados, geram estranhamento e revolta na população. Porém, quando se alega oficialmente que tais crianças foram mortas por traficantes a quem deviam dinheiro pelo consumo de drogas, ou que essas crianças tinham

algum tipo de vínculo com o tráfico e o consumo, suas mortes não só se banalizam, justificando que as vítimas procuraram pelo seu desfecho, e que, por isso, são tão culpadas quanto os assassinos, quanto se torna desejável e um alívio.

A linguagem manipulada e sensacionalista utilizada pelos jornais e alguns programas de TV contribuem direta e indiretamente para a formação do discurso conformista da população, comumente reproduzido nos mais diversos espaços sociais. Desse modo induz formas de comportamentos e estabelece novas noções de valores que favorecem a ordem e o bem-estar social. Isso porque as padronizações impostas pela mídia estão baseadas no aprisionamento dos corpos, ou a “educação” que os preparem para aceitá-la sem que se percebam aprisionados.

A mídia é então utilizada como instrumento de sustentação de poder. Para Siqueira (2007, p. 13), o poder só existe em ação, como o desdobramento de uma relação. Na verdade, é uma manifestação de uma forma de disciplinarização vindo de uma emergência histórica, particular, parcial e limitada. O Estado usa a violência para punir os infratores, para manter a ordem e o controle, e os veículos midiáticos ao apontar soluções prontas e rasas para os problemas sociais induz os cidadãos a não refletirem sobre as verdadeiras causas da violência, que estão enraizadas. Se as causas já estão na superfície não há, então, motivos aparentes para uma investigação profunda.

No tocante à violência local, percebe-se que é atribuída, a todo instante, a determinados grupos sociais. Como é de se esperar, tais grupos ocupam os bairros de periferias, como o bairro Roberto Correia de Araújo, Conjunto Sagrada Família, Santa Fé e Conjunto Pe. Donald. Estes grupos são formados por jovens e, na sua maioria, são negros e do sexo masculino. O incômodo em relação a esse clichê não está no fato de haver um equívoco quanto ao perfil dos considerados marginais que ameaçam a tranquilidade da cidade, mas sim em não haver um questionamento sobre a não existência de formas de inclusão escolar, empregatícia e outras formas de investimentos para essa população vulnerabilizada.

Os elevados índices de violência no país contra a juventude negra, em especial a juventude do sexo masculino, comprovados por diversas pesquisas, fez com que oito Ministérios e a Secretaria Nacional de Juventude desenvolvessem um programa piloto, o Programa Juventude Viva. Entre os estados em que há mais ocorrência de violência contra



esse público específico está Alagoas que, por seus números alarmantes foi escolhido como estado-piloto. E dentro dessa esfera de violência de Alagoas, os municípios que receberam tal projeto foram: Maceió - capital do estado, Arapiraca – segunda maior cidade, Marechal Deodoro e União dos Palmares.

O Programa Juventude Viva atende justamente os grupos vulneráveis de cada município, no intuito de amenizar causas estruturais e simbólicas que os mantêm em situação de risco. Isto é, melhoria da educação, creches para as mães que precisam trabalhar e não têm com quem deixar seus filhos, saúde, dentre outras questões que são fundamentais. Pois, um dos casos que mais chocou Alagoas se refere a um menor de idade, uma criança de 11 anos, que foi brutalmente assassinada no centro da cidade de União dos Palmares no início do ano de 2012. O evento sensibilizou a população do estado, porém, quando se associou a criança ao tráfico, já que dizem que a mesma era usuária de drogas, circulara comentários aliviados pela cidade, já que a morte da criança representava um marginal a menos, e também começou a busca por fatores culpabilizantes na família da vítima. Isto é, uma criança que ficava em casa sozinha enquanto a mãe, que sustentava sozinha seus filhos, precisava sair para trabalhar, estava fadada a se tornar um drogadicto, e isso por culpa da estrutura familiar que não a susteve adequadamente.

Dessa forma, a responsabilidade não é mais do tráfico, nem do Estado que não investe suas finanças nas famílias em situação de risco, a responsabilidade se torna exclusividade da família da vítima. Essa compreensão demonstra que cada vez mais as causas da violência têm ganhado proporções micro, pessoais e subjetivas.

Diariamente a população é invadida por apelos moralistas midiáticos e obrigada a seguir a ordem social que diz o que se pode e o que se deve fazer, apontando o que é melhor. E nessa busca do que é melhor há uma sobrecarga que aprisiona os corpos que se privam de diversos sentidos como estratégia de sobrevivência. E em meio a tudo ainda é preciso lidar com o sentimento de insegurança gerado principalmente pela falta de policiamento. Por outro lado, quando há policiamento, esse também não oferece segurança, uma vez que a polícia não está preparada para proteger. O despreparo é apenas um das falhas na segurança pública, há ainda problemas estruturais e falta de efetivo, o que limita as ações preventivas nas ruas da cidade, como rondas e pronto atendimento. Numa tentativa de assegurar a ordem para que os transeuntes desfrutem melhor do centro da cidade, foi

instalado um sistema de monitoramento por câmeras para inibir ações violentas. Em contrapartida, os bairros periféricos continuam sem iluminação satisfatória, sendo comum trafegar por trechos penumbrosos.

Essas ações de aquisição de equipamentos modernos investidos no centro da cidade em combate a violência e o contraste com a precarização da periferia em União dos Palmares pode até diminuir a incidência de casos de furtos e demais variações penais na região central da cidade, mas a impulsiona nos bairros do entorno e nas áreas afastadas. Isto é, não diminui a violência, apenas a descentra, literalmente. E pela atenção ao combate à violência através de meios de inibição focar nas áreas privilegiadas, invisibiliza o crescente aumento da vulnerabilidade e violência nas periferias. Assim os índices de violência continuam crescendo e contraditoriamente tendo menor repercussão, afinal, são “comuns” assassinatos nas periferias. Há nesse sentido uma ordem estabelecida que permita a ocorrência dos fenômenos e que os reprimam seguindo determinados aspectos, como região que os limita em extensão territorial, econômica e cultural.

Esse controle policial e político tem a intenção de convencer a população que as suas escolhas são feitas de acordo com os anseios da maioria, no intuito de que não haja a percepção da indução à determinadas escolhas que acarretam na naturalização de modelos comportamentais. Assim, o não estranhamento da violência é também parte desse conjunto de domínios. “A microfísica do poder se distribui nas diversas qualificações para o trabalho, ou para o não trabalho, conformando mentes e corpos (...)” (SIQUEIRA, 2007, p. 6). São violências sutis que nos preparam diariamente para a indiferença. Então, aos poucos nos acostumam às dores e às mortes de todos os dias. Atiradas ao vazio, as pessoas vagam pelas ruas cada vez mais vulneráveis, assoladas por medos diversos.

Assim como não mais é permitido sentir a violência em União dos Palmares, já que ela não diz respeito à população local (ou conduz a protestos vaidosos em que se fazem discursos vazios para aparecer na mídia) é comum os próprios palmarinos não se enxergarem como descendentes do Quilombo dos Palmares. Isto é, os palmarinos ainda têm dificuldade de se reconhecerem negros.

Durante muito tempo, para boa parte das pessoas, não havia motivo para orgulhar-se da história negra/quilombola do município. Era preciso negá-la ou tratá-la com certa distância. A cidade foi crescendo e suas ruas, praças e escolas recebendo nomes de

personalidades históricas, como Domingos de Pino, português que construiu uma capela em homenagem a Santa Maria Madalena. Nomes de famílias tradicionais espalharam-se no município, e os rastros da negritude e *quilombagem* deviam ser apagados. Não lembrar a sede do Quilombo dos Palmares era não ter exemplo de resistência que incitasse uma rebelião popular.

Felizmente, esse quadro tem sofrido alterações consideradas importantes, dentre eles o aumento da população que se autodeclara preta e parda, um maior número de visitantes palmarinos ao Parque Memorial Quilombo dos Palmares, localizado na Serra da Barriga e à comunidade remanescente de quilombo Muquém. Transformações que ocorrem a passos lentos, pois, se por um lado já é possível ver o interesse pela história e cultura local, por outro ainda há muito preconceito que se acentua principalmente em novembro, mês alusivo às comemorações da Consciência Negra. Os corpos palmarinos passaram por processos históricos que durante décadas os induziram a combater e a rejeitar os elementos da cultura negra.

### **Considerações Finais**

Observando o histórico da terra de Zumbi, é perceptível que a violência atinge insistentemente a população negra, primeiro com a derruída do Quilombo dos Palmares, depois com a preservação de vultos históricos responsáveis por essa barbárie, e atualmente com a mortandade da juventude negra que vem acompanhada pela falta de aplicação dos direitos fundamentais. Assim, no topo das violências estão as desigualdades, sejam elas de classe, de raça, de gênero, e o discurso de que é a miséria, a desencadeadora das desigualdades. Através da miséria é que se atribui ligação, mesmo que arbitrária, a grupos raciais, de gênero, classes e espaços geográficos. Por meio da miséria se seleciona quem serão os excluídos e os passíveis de sofrer a violência das mais diversas formas. Essa seleção tende a ser naturalizada através dos discursos massificados pelos meios de comunicação.

Questionar o impacto do discurso conformista na mídia e na população de União dos Palmares tem o intuito de melhor compreender os processos de naturalização da violência no município. Não é esta uma tentativa de esgotar essa discussão, tampouco se pretende apontar soluções imediatas, muito menos de colocar a população numa posição passiva, enquanto a mídia seria eleita como a controladora absoluta das mentes. A compreensão é que, como diria Capelato (1988, p. 18), as mensagens que a população recebe da mídia ou

dos grandes líderes só são incorporadas à medida que se coadunam com os códigos de afetividade, costumes e elementos histórico-culturais receptores. Isto é, para que as notícias da mídia sejam convincentes, essas precisam fazer sentido e, por isso, há uma cumplicidade entre o que se publica e o que se adere, entre o que é público e o que é privado. Apesar da mídia reforçar uma concepção da violência ainda nos moldes coloniais, racistas e de segregação de classe, a população como ativa nesse processo de aquisição de representações sociais pode começar a rejeitar tal concepção, assim como formular novos caminhos e soluções.

### Referências Bibliográficas

Atentado destrói rádio em União dos Palmares. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, pp. A5-A6 14 de set. de 2012. Disponível em:

<<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/acervo.php?c=208943>>. Acessado em: 20 de julho de 2015.

BIRMAN, Joel. A biopolítica na genealogia da psicanálise: da salvação à cura. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p.529-548, abr.- jun. 2007.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

DAMATTA, Roberto. As raízes da violência no Brasil: reflexões de um antropólogo social. In: BENEVIDES, M.V. et alii. **A violência brasileira**. São Paulo, Brasiliense, 1982.

FARIAS, Felipe. Ex-governador pode ter candidatura cassada: gravação vaza e revela detalhes da campanha em União dos Palmares. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, pp. A3-A5, 13 de set. de 2012. Disponível em:

<<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/acervo.php?c=208856>>. Acessado em: 20 de julho de 2015.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Míni-Aurélio**: O míni-dicionário da língua portuguesa. 6ª Ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GOMES, Luiz Flávio. Brasil no rol dos 20 países mais violentos do mundo. In: **Instituto Avante Brasil**. 29 de abril de 2013. Disponível em: <<http://institutoavantebrasil.com.br/brasil-no-rol-dos-20-paises-mais-violentos-do-mundo/>>. Acessado em 10 de junho de 2015.

GULLO, Álvaro de Aquino e Silva. Violência Urbana: um problema social. **Tempo Social**: Revista Sociologia USP. São Paulo, vol. 10, n. 1, maio. 1998. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v10n1/a07v10n1.pdf>>. Acessado em 10 de junho de 2015.

SARTRE, J. P. **Esboço para uma teoria das emoções**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

SIQUEIRA, T. C. B.; MESQUITA M. C. das G. D.; CARNEIRO, M. E.F.; BRITO, W.A. de. Corpo, poder e educação In: Simpósio Trabalho e Educação, 2007, Belo Horizonte. **Revista Educação e Trabalho**. Belo Horizonte, vol. 4, 2007.

VASCONCELOS, Ruth, PIMENTEL, Eliane. **A Violência e Criminalidade em Mosaico**. Maceió: EdUFAL, 2009.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012: A Cor dos Homicídios no Brasil**. Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPPIR/PR, 2012.

\_\_\_\_\_. **Mapa da violência 2012: Os novos Padrões da Violência Homicida no Brasil**. 1<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Instituto Sangari, 2011.